

UM LIVRO POR QUINZENA

Sérgio Buarque de Holanda - "Visão do Paraíso"

Escreve CARLOS RAFAEL GUIMARAENS

O AUTOR

Sérgio Buarque de Holanda, professor de História da Civilização Brasileira na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, é um dos mais sérios eruditos a se preocuparem com assuntos de nosso país. Grande parte de sua obra refere-se ao ciclo das bandeiras: "Monções" (1945), "Primórdios da Expansão Paulista no fim do Século XVI e Princípios do Século XVII" (1948) e "Índios e Mamelucos na Expansão Paulista" (1949). Seu livro mais importante é "Raízes do Brasil", com uma tradução italiana (1954) e outra castelhana, no "Fondo de Cultura Económica" (México, 1956).

Já lecionou, na Faculdade de Filosofia do Distrito Federal, as cadeiras de cultura luso-brasileira e de história da América, e na de São Paulo, história econômica e história social e política do Brasil. Desempenhou funções na UNESCO e, em 1954, ministrou, na Universidade de Roma, um curso de Estudos Brasileiros.

I

Antes de mais nada, é preciso compreender o modo peculiar que os homens dos séculos XV e XVI, isto é, os europeus contemporâneos da descoberta da América, utilizavam para encarar

o Universo. Isto é, quais eram as bases de sua Ciência. A maneira "clássica", podemos dizer assim, de conhecer as ciências, aquela do nosso longínquo ginásio, experimental e racionalista, estava além do alcance de Co-

lombo ou de Cabral. O que era a universidade medieval, a-vó da ciência de hoje? Primeiro, era preciso receber o diploma de mestre em artes, nas sete artes liberais que resumiam o saber dignificado: Gramática, Retórica, Dialética, Música, Aritmética, Geometria, Astronomia. Nas mãos de grandes práticos, o acadêmico poderia obter um grau de doutor, em Teologia, Filosofia, Medicina ou Direito. Pelo consenso geral, o mundo compunha-se de duas partes, uma visível e outra invisível. Salvo as necessidades mais urgentes, o mundo visível só valeria como símbolo, emblema, hieróglifo do outro, que, este sim, duraria eternamente. O dilema era ou Alma ou Corpo. Considerando a manifesta precariedade e corruptibilidade deste último, jus-

tificava-se a preferência dada à primeira. A realidade objetiva e concreta não é estudada, dentro deste espírito, senão pelo proveito que possa dar em termos de charadas que o Altíssimo propunha aos seus vardenheiros fiéis.

Assim, os diversos "bestiários" e "volucrários que compendiam toda a zoologia medieval e renascentista não tinham outro objetivo senão encontrar nos quadrúpedes e aves — inclusive os fabulosos — símbolos e emblemas das diversas virtudes e vícios humanos.

II

De outro lado, o entendimento que aquela boa gente formava das Sagradas Escrituras era, senão literal, ao menos concreto. (Continua na 29.ª página)

Um livro por quinzena...

(Continuação da 30.^a página)

Se a Bíblia falava em Paraíso Terreal, era porque este realmente existia, com seus quatro rios e suas árvores tôdas. O ser alegórico o seu sentido não destruía a sua materialidade, aceito o princípio de que tôda a realidade aparente, desprezível em si, por temporal e sujeita ao diabo, não servia senão para induzir-se um mundo superior, eterno, a cuja conquista todos deviam se dedicar com o máximo do esforço. Quando muito restava controvertido, se a existência de tal Eden era presente ou somente passada, ou ainda futura, já num mundo incorpóreo.

Se não bastasse a palavra dos Santos Livros, que, inspirados pelo Espírito Santo, não poderiam faltar num átimo, estava a corroborar sua doutrina tôda a tradição greco-latina, a "áurea aetas" dos poetas, também levados a sério, mormente no que pareciam testemunhar, segundo intérpretes sutilíssimos, a Palavra Divina. Alguns tópicos da literatura medieval, como o "ubi sunt?" e o "floreabat olim", de inspiração antiga, exprimem bem esta nostalgia do Paraíso.

Paralelamente, desenvolvia-se um gênero de literatura de viagens, nitidamente escapista, que difundia as maiores petas sobre regiões distantes e maravilhosas. Estas fábulas eram tanto mais criadas quanto menos era possível averiguar-lhes a procedência. O unicórnio, o basilisco ou o catoblebas eram animais verdadeiros para o comum das pessoas, e ainda para os mais instruídos. Sua figura era tão familiar aos homens da Idade Média e da Renascença como são para nós as do canguru ou do orangotango.

III

Como pois admirar-mo-nos de que os descobridores reinterpretassem os mundos novos que se descortinavam a seus olhos segundo idéias tão comumente aceitas e doutrinas com tantos visos de ortodoxia? Não somente eles julgaram chegar à China ou à Índia ao ver as costas americanas como julgavam redescobrir o mundo que a Humanidade perdera com o pecado original.

E' preciso assinalar, no entanto, que, à medida que se entra pelo Renascimento a dentro, mais se consolidam estas idéias

sobre a unidade dos fenômenos e a sua interdependência, até chegarmos ao paroxismo do barroco. O medieval mais autêntico não carecia de um certo prosaísmo, de um realismo terra à terra que o punha em guarda, até certo ponto, contra sua própria ignorância. No ter-se Portugal lançado à aventura marítima ainda num período pré-renascentista, ou, ao menos, ser ele arcaico, diante do resto do mundo europeu, e conservar, ainda no século XV muito da "ingenuidade" do século XII ou XIII, encontra o autor explicação para a forma mais moderada que utilizam os portugueses ao narrar suas viagens. Suas indicações são de ordem mais prática e precisa; o delírio, típico dos navegantes e cronistas espanhóis, de encontrar a todo instante sinais da vizinhança da pátria de Adão, e ainda outros prodígios que reproduzem modelos literários, é raro entre os lusitanos.

Poder-se-ia ainda alegar que o império português, que, fora o Brasil, apresentava uma estrutura ganglionar, de portos e empórios conectados por linhas de navegação, assemelhava-se mais a um grande truste comercial do que a um império como o era o Britânico até poucos anos. Formado passo a passo, do Algrave e Marrocos, de Marrocos à Guiné e daí, paulatinamente, até Cantão e Macoco, e tendo por estímulo principal o comércio de especiarias, não seria tão enlouquecedor como o das índias de Castela, descobertas de um jato e, onde não o comércio, mas, primeiro, a pilhagem de tesouros, fortuna em sua forma elementar, ouro, prata, já acumuladas por nativos de civilização superior e depois das minas indicadas pelo gentio escravizado.

Muito à margem da obra de Sérgio Buarque de Holanda, poderíamos sugerir que se (conjunção esta que, aliás, não vale em história) o genro de Pérestrelo tivesse feito sua viagem ao serviço de Dom João II, o mais provável é que, no encadeamento dos fatos, os lusitanos se tivessem limitado a construir um porto, empório e fortaleza onde está Veracruz, impor um tributo módico ao Montezuma e ganhar dinheiro exportando tomate e cacão para a Europa, como faziam já com a pimenta e a canela do Oriente. Não se poderia comprovar isto jamais, pois no Brasil o gentio não apresentava outra rentabilidade senão a mão-de-obra para a exploração florestal de pau-brasil e, mais tarde, quando a produção da Ilha da Madeira deixou de bastar ao consumo europeu, para os engenhos de açúcar...

Foi mais tarde, em face, das notícias do Peru, que imaginação portuguesa começou a ser contaminada. O Brasil era contíguo àquele império de imensas riquezas, não sonhadas, mas comprovadas! Era possível ir a pé até lá. Mesmo sem entrar em terras castelhanas, não havia porque supor que as de Portugal que lhes eram adjacentes fossem menos ricas. O bandeirismo e a consequente ocupação do sul e centro-sul do Brasil, este sim, espelharia o "edenismo", ao menos como um pálido reflexo do espanhol. Há uma nítida separação entre este ciclo e o tipicamente português. Nêle já se nota uma colaboração mais nítida à "mitologia da Conquista".

Correio do Povo
6.12.1951